

Vivências e Saberes: Um Olhar Psicológico sobre Grupos Terapêuticos no CREAS

Autor(res)

Tatiana Magalhães Carvalho De Azevedo
Vivian Caroline Barbosa Cataldi
Taynara Da Silva Barros Pereira
Luísa Quadros
Cyntia Salomão Lemos
André Santos Barbosa Fernandes

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA

Introdução

O relatório aborda o estágio supervisionado realizado no CREAS de Ceilândia (DF), com foco na observação e análise de grupos terapêuticos voltados a pessoas em situação de vulnerabilidade e violação de direitos, conduzidos por profissionais da Psicologia e do Serviço Social. Essa experiência proporcionou a oportunidade de compreender, na prática, as estratégias utilizadas na construção de espaços de escuta, acolhimento e fortalecimento de vínculos, fundamentais para a promoção da cidadania e do acesso à rede de proteção social. Nesse cenário, a terapia de grupo surge como uma ferramenta potente para fomentar o pertencimento, a troca de experiências e o enfrentamento coletivo de sofrimentos individuais e sociais. Estudos apontam que o trabalho psicológico em contextos comunitários requer uma escuta sensível às múltiplas dimensões da vida dos sujeitos, considerando suas histórias, vínculos e inserções sociais. Sob a perspectiva teórica, a vivência com os grupos terapêuticos observados

Objetivo

Compreender o papel do psicólogo no contexto da assistência social. Refletir sobre as contribuições da Psicologia para o acolhimento, fortalecimento de vínculos e promoção de direitos de indivíduos em situação de vulnerabilidade social. Observar as estratégias utilizadas pelo profissional da Psicologia na condução de grupos terapêuticos. Analisar as dinâmicas grupais e os processos de escuta, acolhimento e construção de vínculos estabelecidos nos encontros observados. Refletir sobre as contribuições da atuação psicológica em grupo para a promoção de autonomia e fortalecer vínculos.

Material e Métodos

Para embasar teoricamente a análise das práticas observadas no estágio realizado no CREAS de Ceilândia, foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa com o objetivo de contextualizar a atuação do psicólogo no campo da



assistência social, especialmente no trabalho com grupos terapêuticos em contextos de vulnerabilidade e violação de direitos. A seleção de fontes seguiu critérios específicos de relevância e atualidade, buscando contemplar produções acadêmicas e institucionais alinhadas às diretrizes do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e à prática da Psicologia Social Comunitária. A busca pelos materiais foi realizada em bases de dados científicas como SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, utilizando os seguintes descritores: Psicologia Social, assistência social, CREAS, terapia de grupo, vulnerabilidade social, violação de direitos e escuta qualificada. Como critério de recorte temporal, foram selecionados artigos, livros e documentos publicados entre os anos de 2018 e 2024, assegurando a atualização das discussões teóricas e práticas sobre o tema. Também foram incluídas publicações institucionais e legislações pertinentes ao SUAS, considerando sua importância na fundamentação normativa das ações observadas durante o estágio.

Resultados e Discussão

A experiência de observação dos grupos terapêuticos no CREAS de Ceilândia possibilitou compreender de forma aprofundada a atuação da Psicologia em contextos de vulnerabilidade social. As dinâmicas grupais observaram-se como fundamentais na construção de um espaço seguro, favorecendo a escuta, a troca de experiências e o fortalecimento dos vínculos entre os participantes, contribuindo para a ressignificação de vivências marcadas por sofrimento. A função do psicólogo mostrou-se central como facilitador do processo terapêutico, utilizando a escuta ativa, empatia e acolhimento para promover a expressão emocional dos participantes. Foram relatadas dificuldades, como a desistência de usuários, o acúmulo de demandas devido à escassez de profissionais e a sobrecarga emocional dos atendimentos individuais — fatores que reforçam a importância dos grupos como estratégia terapêutica prioritária. Parte dos usuários buscava os grupos com o intuito de acessar benefícios sociais, o que requer da equipe uma análise cuidadosa para elaborar relatórios que identifiquem as reais necessidades das famílias. Nesse sentido, o psicólogo relatou que desenvolveu estratégias para lidar com as frustrações decorrentes dos limites institucionais, como os longos prazos para concessão de benefícios, reconhecendo que nem todos os resultados dependem de sua atuação direta. Por fim, os impactos positivos das intervenções grupais nas relações pessoais e comunitárias foram evidentes. Participantes relataram melhorias na autoestima, maior capacidade de enfrentar conflitos familiares e mudanças no autocuidado, o que reforça, conforme apontado por Bock et al. (2002), a eficácia das práticas psicossociais na promoção da saúde mental e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Essa vivência reforça o papel transformador da Psicologia no campo da assistência social, sobretudo quando comprometida com práticas de escuta, acolhimento e empoderamento dos sujeitos em situação de vulnerabilidade.

Conclusão

Os dados obtidos durante os grupos terapêuticos no CREAS de Ceilândia confirmam a eficácia das dinâmicas grupais no apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade social, conforme evidenciado na literatura especializada. A troca de experiências entre os participantes favoreceu a construção de redes de apoio e a ressignificação do sofrimento, fortalecendo o sentido de pertencimento e acolhimento. No entanto, também foram observados desafios, como a resistência de alguns indivíduos em se abrir, o que demandou dos facilitadores uma atuação flexível e sensível às especificidades de cada caso. A atuação do psicólogo como mediador do processo foi essencial, tanto para promover a escuta empática quanto para adaptar as intervenções às necessidades do grupo. Assim, as terapias de grupo demonstraram ser ferramentas valiosas na melhoria das condições de vida dos participantes, contribuindo para o enfrentamento coletivo das situações de vulnerabilidade.



Referências

BARRETO, A.P. (2005). Terapia comunitária passo a passo. Fortaleza: LCR

CALLIGARIS, C. (2000). Adolescência: elementos de definição. São Paulo: Editora Ática.

DIMENSTEIN, Gilberto. O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. São Paulo: Ática, 1994.

GOLDENBERG, R. Psicologia das massas e análise do eu: solidão e multidão. Editora Civilização Brasileira, 2014.

YALOM, I.D. (2006). Psicoterapia de Grupo. Teoria e Prática. Porto ALegre: Artmed.

ZIMERMAN, D.E. e OSÓRIO, L.C. (2003). Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artmed.